

rebeca



Revista Brasileira  
de Estudos de  
**Cinema**  
e Audiovisual

## Mulheres na Cinemateca do Museu Guido Viaro

Ana Claudia Camila Veiga de França<sup>1</sup>

Ronaldo de Oliveira Corrêa<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) é professora no Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE). Atualmente é pesquisadora visitante na Universidade de Barcelona (UB), com bolsa pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Email: [oianafranca@gmail.com](mailto:oianafranca@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre pelo PPGTE/UTFPR (2003), Doutor pelo PPGICH/UFSC (2008) e Pós-doutorado no PPGAS/UFRGS (2012-2013). É professor no Departamento de Design da UFPR, do Programa de Pós-Graduação em Design na mesma instituição, e professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da UTFPR.

Email: [olive.ronaldo@gmail.com](mailto:olive.ronaldo@gmail.com)

**Resumo**

Nossa intenção neste artigo é descrever algumas atividades realizadas por mulheres durante as décadas de 1970 e 1980, a partir da Cinemateca do Museu Guido Viaro, em Curitiba. Para tanto, utilizamos um conjunto heterogêneo de fontes - a saber, notícias de jornais, documentos e entrevistas realizadas a partir de procedimentos da história oral com Francisco Santos, Solange Stecz, Berenice Mendes, Gisele Mendes e Dinah Pinheiro. Por resultados, esperamos explicitar como estas e outras mulheres participaram de cursos de formação em cinema, da organização de exibições de filmes e de atividades de preservação e pesquisa sobre o cinema paranaense, ações importantes para o circuito cinematográfico de produção e circulação da cidade.

**Palavras-chave:** História do cinema; Mulheres no cinema; Cinemateca de Curitiba.

**Abstract**

This article aims to describe some activities carried out by women during the 1970's and 1980's at the Cinematheque of Guido Viaro Museum. In order to accomplish this goal, we used a heterogeneous set of sources such as newspapers articles, documents and interviews conducted by oral history procedures with Francisco Santos, Solange Stecz, Berenice Mendes, Gisele Mendes, and Dinah Pinheiro. As a result, we hope to explain how these and other women participated in filmmaking courses, films exhibition organization, and preservation and research activities on Paraná cinema, important actions for the cinematographic circuit of production and circulation of the city.

**Keywords:** History of cinema; Women in film; Cinematheque of Curitiba.



### Uma cinemateca para Curitiba<sup>3</sup>

Em um anexo do Museu Guido Viaro, na Rua São Francisco, número 319, em abril de 1975, era inaugurada uma Cinemateca para Curitiba. A Cinemateca do Museu Guido Viaro foi a terceira no Brasil, depois da Cinemateca Brasileira (1946), em São Paulo, e da Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) (1955), no Rio de Janeiro. Em 1995 foi desvinculada do museu e renomeada como Cinemateca de Curitiba, mas esteve desde o início vinculada à Fundação Cultural de Curitiba, um órgão municipal de fomento à cultura, fundado em 1973. Desse modo, é preciso localizar a criação e as atividades da Cinemateca de Curitiba no contexto das políticas culturais da prefeitura da cidade, do movimento cineclubista, da intensa produção superoitista<sup>4</sup>, da crescente importância de espaços de projeção e formação cinematográfica na cidade e de uma rede de instituições, ações e pessoas interessadas e comprometidas com o cinema.

Nessa rede de pessoas, estava o escritor e cineasta Valêncio Xavier (1933-2008), que fundou a Cinemateca enquanto era funcionário da Fundação Cultural de Curitiba. Valêncio convidou o jornalista Francisco Alves dos Santos (1946-) para participar do projeto. Na época, Francisco se dividia entre atividades do seminário da Ordem Palotina, da graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e do jornalismo cultural, escrevendo crônicas e críticas sobre cinema para jornais e revistas<sup>5</sup>. Francisco é, portanto, interlocutor desta pesquisa e autor de parte significativa das notícias que acessamos para reconstruir estas histórias. Segundo explicou, não conhecia Valêncio, foi a publicação de uma entrevista que havia feito com o cineasta mineiro Oswaldo Caldeira (1943-), sobre a produção do filme “Ajuricaba – o rebelde da Amazônia” (1977), que levou Valêncio a procurá-lo e convidá-lo para participar da Cinemateca. Inicialmente, Francisco trabalhava na Cinemateca nas suas poucas horas vagas. Algum tempo depois, desistiu do seminário e passou a se dedicar ao cinema, na Cinemateca, na Fundação Cultural de Curitiba (FCC) e em jornais e revistas da cidade.

Mas, antes da Cinemateca ser concebida, cursos e exposições de cinema promovidos pela prefeitura da cidade já ocorriam com o apoio de outros espaços e instituições, como o Museu da Imagem e do Som (MIS), a Biblioteca Pública do Paraná,

<sup>3</sup> Acervos físicos consultados: Casa da Memória e Cinemateca de Curitiba. Acervos digitais consultados: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital e Aramis Millarch Tablóide Digital. As notícias referenciadas neste artigo são dos jornais Diário do Paraná e Estado do Paraná, de autoria dos jornalistas Francisco Alves dos Santos e Aramis Millarch, publicadas entre 1979 e 1986.

As entrevistas foram realizadas entre setembro de 2018 e março de 2019.

<sup>4</sup> Rubens Machado Júnior e Marina da Costa Campos (2017) consideram que, no Brasil, a década de 1970 foi marcada por uma quantidade significativa de filmes produzidos em Super-8, uma produção que circulava em galerias, exposições particulares, festivais e mostras competitivas.

<sup>5</sup> Francisco Santos escreveu para os jornais Voz do Paraná, Diário do Paraná, Gazeta do Povo, Jornal do Estado, Correio de Notícias, Revista Panorama e Revista Quem (SANTOS, 2005).



o Clube Curitibano, o Teatro Paiol, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o Centro de Criatividade (SANTOS, 2005; TAVARES, 2005). Ainda, entre 1973 e 1975, o Teatro Guaíra sediou duas edições de um festival de cinema Super-8, conduzido pelo cineasta Sylvio Back (1937-), para a Secretaria de Educação e Cultura do Paraná (SANTOS, 2005; BOTTMAN, 1982). Além deste, um dos festivais mais importantes do período foi promovido por cinco anos pela Escola Técnica Federal do Paraná (ETFPR)<sup>6</sup>, entre 1975 e 1979.

Desse modo, essas pessoas e essas atividades voltadas ao cinema em Curitiba fizeram parte dos eventos, condições e circunstâncias para a criação da Cinemateca, que se tornou, então, um espaço crucial para concentrar e fomentar atividades de cinema. Desde o início, a Cinemateca de Curitiba esteve comprometida com a exibição de filmes escassos nas salas comerciais de cinema<sup>7</sup> e com a constituição de um acervo cinematográfico; pesquisas historiográficas sobre o cinema paranaense e atividades de formação, com palestras, encontros e cursos práticos de cinema. Mas, segundo Francisco, os recursos eram insuficientes, e foi fundamental estabelecer parcerias com outras instituições. Muitos filmes para exibição eram obtidos pela Cinemateca Brasileira, Cinemateca do MAM, Instituto Goethe e nas embaixadas. “Nós não tínhamos verba, não tínhamos nada, era na raça e no peito, então a gente conseguia filmes nas embaixadas, nos consulados e nas cinematecas, que nos forneciam filmes pra programação”<sup>8</sup>.

A fotografia abaixo é descrita na catalogação do Acervo da Casa da Memória como Geração Cinemateca. Dentre as onze pessoas que aparecem na foto, estão quatro mulheres: Gisele Mendes (1962-), Josina Melo (1957-), Berenice Mendes (1959-) e Lu Rufalco (1958-). Curiosamente, todas usam óculos escuros. A primeira vez que encontrei esta imagem foi na edição 112 do Boletim Informativo da Casa Romário Martins (SANTOS, 1996). Afinal, quem eram as mulheres da “Geração Cinemateca”? E o que faziam na Cinemateca e no cinema de Curitiba?

<sup>6</sup> Atualmente, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

<sup>7</sup> Sobre o tema, Luciane Carvalho (2018) analisou a programação de filmes exibidos na Cinemateca do Museu Guido Viaro, entre 1975 e 1985.

<sup>8</sup> Francisco Alves dos Santos, entrevista, janeiro de 2019.



Figura 1 – Cineastas da “Geração Cinemateca”. Da esquerda para a direita Peter Lorenzo, Gisele Mendes, Josina Melo (agachada), Beto Carminatti, Fernando Severo, Peninha, Lu Rufalco, Homero de Carvalho, Berenice Mendes, João Knijnik e Rui Vezzano. 1985. Autoria não identificada.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

### **As mulheres da Cinemateca de Curitiba**

Partindo da busca por mulheres na Cinemateca de Curitiba, selecionamos para este artigo ações ocorridas durante as décadas de 1970 e 1980, a saber: atividades de pesquisa e preservação cinematográfica de Solange Stecz (1954-), em 1976 e 1980; a fundação da sede paranaense da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD), em 1979, que teve Berenice Mendes como primeira pessoa a ocupar a presidência; a produção de filmes, com Gisele Mendes, Lu Rufalco e outras mulheres – além da própria Berenice - nas equipes de realização; e a mostra “A Mulher no Cinema Brasileiro”, organizada pela jornalista Dinah Pinheiro (1945-) em parceria com Francisco Santos e Edyala Iglesias, que coordenava o Coletivo de Mulheres no Cinema<sup>9</sup>, no Rio de Janeiro. É preciso dizer, ainda, que as mulheres que até agora foram reconhecidas no contexto de atividades relacionadas à Cinemateca de Curitiba nasceram entre as décadas de 1940 e 1960, cursaram graduação em universidade pública ou privada, são brancas e de classe média - indicando que, possivelmente, apesar da Cinemateca constituir um espaço público, seu acesso estava marcado por questões de classe, raça e etnia.

<sup>9</sup> Sobre o coletivo, escreveram as pesquisadoras Érica Sarmet e Marina Cavalcanti Tedesco (2017).



### Uma pesquisadora de carteirinha

Antes de se tornar pesquisadora de cinema, Solange já frequentava a Cinemateca. “Eu era uma pessoa daquelas, assim, da carteirinha da Cinemateca, quando a Cinemateca abriu era assim uma coisa de *status*, era um ponto de reunião”<sup>10</sup>. Para Solange, durante os anos de ditadura (1964-1985), a Cinemateca era um espaço privilegiado para discussões mais arejadas. Mas um concurso de críticas de cinema mudaria seu *status* de frequentadora de carteirinha para estagiária e pesquisadora. Enquanto ainda estudava jornalismo na PUC-PR, Solange venceu um concurso de críticas de cinema da Cinemateca com um artigo sobre o filme “Cidadão Kane” (1941). A premiação era um livro de cinema. No entanto, na hora de retirá-lo, Solange pediu a Valêncio o “Curitiba de Nós” (1970), um livro de dupla autoria, do artista e muralista Poty Lazzarotto (1924-1998) e do próprio Valêncio, então diretor da Cinemateca e responsável pela entrega. Como explica Solange, “foi amor à primeira vista”, o pedido foi o início de uma longa relação de trabalho e amizade. Solange ganhou o livro e também um convite para estagiar na Cinemateca, onde passou a coordenar um projeto de pesquisa sobre as primeiras exposições cinematográficas e filmagens da cidade, intitulado “Referências sobre Filmagens e Exposições Cinematográficas em Curitiba, 1892-1907”, cujos resultados foram publicados em um Boletim Informativo da Casa Romário Martins, em junho de 1976 (SANTOS, 2005).

Outro concurso viria em 1980, dessa vez nacional. A Embrafilme, em parceria com a Funarte<sup>11</sup> e a Secretaria de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, lançou um concurso de pesquisas sobre a história do cinema brasileiro, cujos resultados foram divulgados no livro “Cinema brasileiro: 8 estudos”. Foram cinco colocações e três menções honrosas<sup>12</sup>. Solange e Elizabeth Karam<sup>13</sup> ficaram em 5º lugar, com a pesquisa “Annibal Requião, nasce o cinema no Paraná”, sobre o cineasta

<sup>10</sup> Solange Stecz, entrevista, agosto de 2018.

<sup>11</sup> A Empresa Brasileira de Filmes S.A. (Embrafilme) foi uma estatal de economia mista, produtora e distribuidora de filmes cinematográficos. Criada em 1969 e extinta em 1990, no governo do presidente Fernando Collor (1949). A Fundação Nacional das Artes (Funarte) é um órgão federal de fomento às artes visuais, música, circo, dança e teatro.

<sup>12</sup> Premiações e menções honrosas do concurso: 1º lugar: “Pátria Redimida – um filme revolucionário”, de Celina Alvetti e Clara Satiko Kano. 2º lugar: “A cidade, o campo”, de Jean-Claude Bernadet. 3º lugar: “Eduardo Belim”, de Ruda de Andrade e Maria Rita Galvão. 4º lugar: “Nosso Cinema e nossa Música”, de Jorge de Freitas Antunes. 5º lugar: Annibal Requião, nasce o cinema no Paraná, de Solange Stecz e Elizabeth Karam. Menções honrosas: “O índio brasileiro e o cinema”, de João Carlos Rodrigues. “Cinema e futebol: uma história em dois campos”, de José Wolf. “Paulo Benedetti – dossiê”, de Mário da Rocha Galdino (ROCIO, KANO et al;1980).

<sup>13</sup> No catálogo de realizadores paranaenses da Cinemateca do Museu Guido Viaro (1988), consta que Elizabeth Karam participou na crítica de cinema do suplemento “Anexo” do Diário do Paraná, de novembro de 1976 a 1977, e no jornal O Estado de Florianópolis, de 1979 a 1982. Além disso, realizou o curta “Até quando”, em 1978, premiado na IV Mostra Internacional do Filme Super-8 da Escola Técnica Federal do Paraná (ETFPFR), em 1978. Ainda segundo a ficha filmográfica de “Até quando”, Solange Stecz participou da montagem desta produção.



que é considerado o pioneiro no estado<sup>14</sup>. Além de Solange e Elizabeth, Celina Alvetti (1955-) e Clara Satiko Kano (1956-), também envolvidas com a Cinemateca<sup>15</sup>, receberam a 1ª colocação, com “Pátria Redimida – um filme revolucionário”, que conta a história do documentário do paranaense João Batista Groff<sup>16</sup> sobre a revolução brasileira de 1930. Solange destaca com entusiasmo a importância desta publicação para a história do cinema do Paraná: “nós éramos quatro pessoas desconhecidas de um estado desconhecido. Com nada, praticamente nada inserido na cinematografia nacional! Então isso é realmente uma coisa importante”<sup>17</sup>. Se poucas mulheres estavam presentes na realização de filmes, ao que parece, só havia mulheres na área de pesquisa e preservação. De todo modo, segundo o Dicionário de Cinema do Paraná (SANTOS, 2005: 208), foi Valêncio que “iniciou e incentivou pesquisas sobre os realizadores pioneiros do Paraná”, com trabalhos sobre o tema publicados em Belo Horizonte, no V Encontro dos Pesquisadores do Cinema Brasileiro (1975), e em Curitiba, na revista Referência em Planejamento (1980).

Também encontramos no acervo da Cinemateca uma pilha de fichas filmográficas preenchidas com máquina de escrever, em um conjunto de folhas soltas intitulado “Catálogo de Realizadores Paranaenses”<sup>18</sup>. Foi a partir deste levantamento, realizado em 1988, que descobrimos que Solange, além de pesquisadora, também trabalhou na realização de filmes não vinculados à Cinemateca, em uma produtora de filmes políticos que conduziu por alguns anos, chamada “Vídeo & Memória”. Solange participou em funções de roteiro, pesquisa e/ou produção em filmes como “Cicatrizes” (1980), “Em memória à erva mate” (1981), “Zumbi” (1986), “PT-85” (1985), “Paraguay: un paso a mais” (1985), “Dupla Pegada – Rodoviários” (1986) e “A procura da Terra sem Males” (ano não informado).

A pesquisadora conta que não percebia dificuldade em ocupar espaços e atividades no cinema, mas reconhece, “talvez porque eu estava muito dedicada a um tema que ninguém se dedicava!”<sup>19</sup>, referindo-se às pesquisas sobre a história do cinema paranaense. Enquanto Solange observava a fotografia abaixo (Figura 02), comentou

<sup>14</sup>Annibal Requião (1875-1929) foi cineasta e empresário.

<sup>15</sup> Celina do Rocio Alvetti começou como estagiária de pesquisa em cinema na Cinemateca em 1978. Em 1990 se tornou professora na PUC-PR, auxiliando na implantação do Núcleo de Cinema da universidade. Clara Satiko Kano, além da pesquisa realizada em parceria com Celina, trabalhou no projeto A Criança e o Cinema de Animação, juntamente com Wilma Cabral, coordenado por Valêncio e desenvolvido pela Cinemateca a partir de 1978, em escolas de Primeiro Grau da Prefeitura de Curitiba (SANTOS, 2005).

<sup>16</sup> João Batista Groff (1897-1970) foi fotógrafo e cineasta.

<sup>17</sup> Solange Stecz, entrevista, agosto de 2018.

<sup>18</sup> Relação de fichas biográficas e filmográficas. Catálogo de Realizadores Paranaenses. Cinemateca do Museu Guido Viaro: Curitiba, 1988. Acervo da Cinemateca de Curitiba.

<sup>19</sup> Solange Stecz, entrevista, agosto de 2018.



que foi tirada em frente a primeira sede da Cinemateca, avaliando, “que engraçado, era um mundo masculino”<sup>20</sup>.



Figura 2 – Grupo de cineastas paranaenses em frente a Cinemateca do Museu Guido Viaro, durante festival anual de cinema e vídeo, em 1986. Solange Stecz é a única mulher, de camisa branca, a terceira pessoa, da esquerda para direita. Fotografia de Marcos Campos.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

### **Um curso de cinema, uma associação e muitos filmes**

Para contar a trajetória de Berenice no cinema, é preciso falar também de sua parceira de realização em muitos filmes, Maria de Lourdes Rufalco, mais conhecida como Lu Rufalco. Berenice e Lu começaram juntas, em um curso prático de cinema, promovido pela Cinemateca e ministrado pelo cineasta carioca Noilton Nunes (1947-), durante duas semanas do mês de julho de 1979. Um curso de regime intensivo, manhã e tarde, e que, por pouco, Berenice e Lu não participaram. Berenice conta que as duas eram alunas de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e participavam do movimento cineclubista da universidade desde 1977. Desistiram do curso para o qual já estavam inscritas para fazer uma viagem de férias. “Vamos pra Bahia!”, explicaram ao pedir o dinheiro de volta. Francisco, na época secretário da Cinemateca e responsável por gerenciar as inscrições, estava decidido em manter as duas matriculadas e passando férias em Curitiba, “de jeito nenhum! Vocês têm que fazer esse curso, vocês não vão desistir, eu não vou devolver o dinheiro, vocês vão ter que fazer este curso, isso

<sup>20</sup> Solange Stecz, entrevista, agosto de 2018.



vai mudar a vida de vocês!"<sup>21</sup>. Francisco tinha razão, ambas iniciaram uma relação de longa data com o cinema, trabalhando juntas em documentários e filmes de ficção como "Atenção Realidade" (1979), "Como sempre" (1980), "Comunidades Rurbanas" (1982), "O Foguete Zé Carneiro" (1984), "Londrina" (1985), "Classe Roceira" (1986), "Vítimas da Vitória" (1994) e "Uma luta de todos" (2000).

"Atenção Realidade", aliás, foi um dos filmes resultantes do curso ministrado por Noilton. Francisco, em artigos publicados no jornal Diário do Paraná<sup>22</sup>, relata detalhes da atividade de formação, destacando a trajetória do professor no cinema e as temáticas dos dois documentários que estavam sendo produzidos pela turma<sup>23</sup>. Em um artigo, Francisco<sup>24</sup> descreve "Atenção Realidade" como uma crítica social, "uma amostragem da vida curitibana nos seus aspectos mais contraditórios", "irreverente e experimental"<sup>25</sup>, com cenas "chocantes", registradas em um lixão e uma discoteca. Nas palavras da então estudante Berenice, "o que nos interessa é aquilo que é duro de ver". Eram quinze participantes<sup>26</sup>, além de Berenice e Lu, outras duas mulheres faziam parte da turma: Wilma Cabral e Marilis Santos<sup>27</sup>. O curso foi, enfim, muito mais intenso e intenso do que a previsão dos jornais. Berenice contou que "era para durar um mês, durou três meses, era para sair um curta, saíram três curtas e eu nunca mais parei de fazer cinema na vida!"<sup>28</sup>.

Mas não eram apenas os filmes que preocupavam a turma de aprendizes de Noilton. Francisco relata em seu artigo também um movimento para fundar a sede paranaense da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD)<sup>29</sup>, uma instituição com o objetivo de reunir pessoas da produção audiovisual e reivindicar por políticas públicas de fomento. Noilton era então presidente da ABD do Rio de Janeiro e é possível que durante o curso tenha conversado com a turma sobre a associação, motivando a organização da sede paranaense. Menos de um mês depois de finalizado o curso de

<sup>21</sup> Berenice Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>22</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. "O Cinema desmistificado". Diário do Paraná. 03 ago. 1979. p. 14.

<sup>23</sup> Além de *Atenção Realidade*, o outro documentário, *Sensibilize-se*, tinha como tema o pintor paranaense Guido Viaro (1897-1971).

<sup>24</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. "O Cinema desmistificado". Diário do Paraná. 03 ago. 1979. p. 14.

<sup>25</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. "Cinco filmes paranaenses no Festival JB". Diário do Paraná. 21 out. 1979. Acervo da Hemeroteca Digital.

<sup>26</sup> Alvari Dzięwa, Alcir Koch, Berenice Mendes, Fernando Westphalen, José Portem, Luiz Almeida, Luiz Bellenda, Mauro Antonieto, Maurício Negrão, Marilis Santos, Moacir David, Maria de Lourdes Rufalco, Paulo Domingues, Pedro Meregges Filho e Wilma Cabral.

<sup>27</sup> No mesmo ano do curso prático na Cinemateca, em 1979, Wilma Cabral e Heloísa Hanemann lançaram o curta animado *Lembranças*, uma evocação de "recordações agradáveis de infância, laços de amizade e amor", com fotografias e objetos antigos saindo de um envelope, segundo Francisco Santos. In: SANTOS, Francisco Alves dos. "Cinco filmes paranaenses no Festival JB". Diário do Paraná. 21 out. 1979. Acervo da Hemeroteca Digital.

<sup>28</sup> Berenice Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>29</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. "O Cinema desmistificado". Diário do Paraná. 03 ago. 1979. p. 14.



Noilton, Francisco publica no Diário do Paraná<sup>30</sup> o artigo “ABD-PR: o mando é das mulheres”<sup>31</sup>. Isto porque no dia 20 de agosto de 1979, Berenice foi eleita a primeira presidenta da sede paranaense da ABD, que acabava de ser fundada em Curitiba. Além de Berenice, outras mulheres participaram do gerenciamento da instituição: Lu Rufalco como secretária geral, Clara Satiko e Marilis Santos no conselho fiscal, e Dirce dos Santos na tesouraria geral. Dentre as reivindicações da ABD-PR, constavam câmeras em 16mm e 36mm, moviola para montagem cinematográfica, técnicos profissionais e verbas para as produções. O grupo visava ainda a realização de palestras, mostras e seminários. Sobre a importância da ABD naquele momento, Berenice explica, “a gente queria a cadeia completa”<sup>32</sup>, para fazer filmes era preciso garantir políticas públicas e espaços para produção e exibição, “não tinha como você fazer cinema sem fazer política de cinema”<sup>33</sup>.

Gisele Mendes, irmã de Berenice – pouco tempo depois do envolvimento da irmã no curso prático de cinema – também participou de oficinas de formação na Cinemateca. Logo se juntou às equipes de realização, na função de assistente de produção. Gisele conta que admirava Berenice, além de receber todo o apoio de Lu Rufalco, produtora dos filmes que sua irmã dirigia. Além disso, para Gisele a Cinemateca era um espaço de encontro e pertencimento, “eu tinha esse sentimento de romper padrões, de ter uma outra linguagem, sabe? De criar uma identidade e pra isso a gente precisava arrumar uma tribo, né? Arrumar uma turma. E onde a gente achou o nosso refúgio? Na Cinemateca do Guido Viaro”<sup>34</sup>.

Junto com Berenice e Lu, Gisele participou da realização do curta-metragem “Foguete Zé Carneiro”, um filme infantil. Sobre este filme é também de Francisco a publicação na qual encontramos o maior número de informações, no Jornal do Estado<sup>35</sup>, ocupando uma página inteira. O artigo<sup>36</sup> informa que o filme foi rodado em 35mm, colorido, produzido pela Embrafilme, com o apoio da Secretaria de Cultura e Esportes do Paraná. “Foguete Zé Carneiro” é sobre duas crianças que, ao encontrar um foguete

<sup>30</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. “ABD-PR. O mando é das mulheres”. Diário do Paraná. 23 ago. 1979. p. 13. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.

<sup>31</sup> Considerando o repertório cinematográfico de Francisco é bem possível que o título do artigo seja uma referência ao filme italiano *O mando é das mulheres* (1968), de Pasquale Festa Campanile (1927-1986). Pela sessão de programação de cinema dos jornais Diário do Paraná e Diário da Tarde é possível verificar que “O mando é das mulheres” foi exibido no Cine Condor e no Cine Plaza, em Curitiba, de fevereiro a março de 1974 (Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital).

<sup>32</sup> Berenice Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>33</sup> Berenice Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>34</sup> Gisele Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>35</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. “Foguete Zé Carneiro”. Jornal do Estado. 28 jan. 1984. Acervo: Cinemateca de Curitiba.

<sup>36</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. “Foguete Zé Carneiro”. Jornal do Estado. 28 jan. 1984. Acervo: Cinemateca de Curitiba.



de brinquedo, fantasiavam uma viagem à lua. As imagens foram registradas em uma antiga fábrica na Vila Guaíra em Curitiba, para onde foi preciso levar “17 toneladas de pó e pedra de calcário, cem litros de tinta e cem quilos de gesso”, além de um cavalo com uma rara armadura do século XVII. Mas nada superava os custos de aluguel de equipamento, rolos de negativo, revelação em laboratório, produção e remuneração da equipe técnica. No artigo, Berenice explica, “a Embrafilme entrou com 6 milhões<sup>37</sup> e o resto estou conseguindo por aí”. Francisco ainda menciona toda a equipe técnica<sup>38</sup>, localizando Lu Rufalco na produção executiva e Gisele Mendes e Daise Rocha na assistência de produção.

Gisele lembra que o acesso a bons equipamentos era difícil e, em uma época sem computador ou *internet*, os desafios de produção eram enormes, “às vezes levava um mês para se ter uma super planilha, um mapa de produção”<sup>39</sup>. Gisele relata também que havia colaboração e generosidade de muitas pessoas, “a gente conseguia cenários maravilhosos de graça!”<sup>40</sup>.

Mas além de produzidos, os filmes também precisavam ser projetados. A seguir, apresentamos alguns elementos da Mostra de filmes de Mulheres, organizada em 1981 pela jornalista Dinah, que fez circular na Cinemateca de Curitiba, dentre diversas produções, filmes de Berenice e Lu.

### Fazendo circular filmes de mulheres

Foi em Urussanga, interior de Santa Catarina, uma cidade pequena e próxima da fronteira com o Rio Grande do Sul, que muito cedo Dinah descobriu o cinema. Ela tinha 10 anos quando o pai Almir dividia a jornada de trabalho entre minas de carvão durante o dia e a organização das projeções do único cinema da cidade durante a noite. Almir era sócio do espaço com mais três pessoas, “era um cinema daqueles bem rudimentar, que interrompia a projeção, porque eram rolos de negativos a cada filme e quando terminava aquele rolo, tinha que trocar. Eu me lembro de eu criança assistindo os filmes”<sup>41</sup>, conta Dinah. Além do sistema de troca de rolos de negativo durante a exibição do filme, o espaço tinha bancos simples, as poltronas mais confortáveis chegaram anos depois. O pai de Dinah cuidava do cinema após o expediente de trabalho, e Dinah e sua irmã assistiam a todos os filmes que não eram censurados para

<sup>37</sup> Cruzeiro era a moeda vigente no Brasil.

<sup>38</sup> Fotografia: Peter Lorenzo. Câmera: Ivan Bitencourt. Assistência de câmera: Luis Henrique de Almeida. Projeto do cenário: Jair Mendes. Realização do cenário: João Mendes. Maquinista: José Maria Dorgieus. Eletricidade: Paulo Soares. Produção executiva: Lu Rufalco. Assistência de produção: Gisele Mendes e Daise Rocha.

<sup>39</sup> Gisele Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>40</sup> Gisele Mendes, entrevista, outubro de 2018.

<sup>41</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.



a idade delas. Na lembrança de Dinah, o trabalho do pai no cinema era um passatempo, pelo simples prazer de exhibir filmes. Almir anunciava a programação do dia seguinte escrita à mão, “ele fazia com pincel atômico e colocava na frente do cinema o nome do filme que ia passar no dia seguinte. Aquele cheiro de tinta, assim, sabe? Me lembro bem!”<sup>42</sup>.

Anos depois, como estudante de jornalismo da UFPR, Dinah frequentava eventos culturais na universidade e em outros espaços da cidade. Com as colegas de curso, conseguia cortesias ou descontos e assistia a tudo o que podia, “toda estreia de peça, escritor que vinha pra cá, a gente ia ver!”<sup>43</sup>. O que inicialmente era curiosidade e interesse foi se tornando vontade e oportunidade de trabalho. E assim Dinah se dedicou ao jornalismo cultural por toda a sua trajetória. Foi funcionária da Fundação Cultural de Curitiba até a aposentadoria em 2001, e dentre suas responsabilidades estava fazer assessoria de imprensa para as projeções e eventos de cinema promovidos pela instituição.

A fotografia a seguir (Figura 03) é do lançamento do filme “Pixote, a Lei do Mais Fraco” (1980), dirigido pelo cineasta Hector Babenco (1946-2016), “ele deu uma entrevista pra gente e essa foto é uma foto histórica porque ele tá aí no meio da gente, né!”<sup>44</sup>. Dinah lembra que havia um intenso trabalho de divulgação antes da chegada de um cineasta convidado, o que era importante para o sucesso do evento na época, os jornais eram centrais para circulação de ideias e informações, “Curitiba tinha 7 jornais diários! Cada jornal tinha seu crítico de cinema, então a importância era essa. A pessoa, antes de ver um filme, já sabia mais ou menos da importância desse filme. Eu acho que a imprensa foi fundamental pro incremento de todas as artes!”<sup>45</sup>. Os eventos de lançamento com a presença de cineastas estavam vinculados a palestras e debates e aos jornalistas da Fundação, cabia também receber e acompanhar o/a cineasta pela cidade. Além de Hector Babenco, Dinah lembra de ter recebido Cacá Diegues e Tizuka Yamazaki.

<sup>42</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.

<sup>43</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.

<sup>44</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.

<sup>45</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.



Figura 3 – Rafael Greca, Dinah Ribas Pinheiro, Hector Babenco, Francisco Alves dos Santos e Marilu Silveira, durante a divulgação do filme “Pixote”, em 1980. Autoria não identificada.

Fonte: Acervo Casa da Memória.

Foi em 1981 que Francisco e Dinah organizaram na Cinemateca a mostra “A Mulher no Cinema Brasileiro”, que ocorreu entre os dias 23 e 30 de maio. Segundo Dinah, a ideia do evento foi do Francisco, que a chamou para participar. Foi uma semana de exibição de filmes de cineastas pioneiras como Carmen Santos (1904-1952) e Gilda de Abreu (1904-1979) e contemporâneas como Ana Carolina (1949-), Ana Maria Magalhães (1950-) e Tizuka Yamazaki (1949-)<sup>46</sup>, com sessões noturnas e debates depois dos filmes.

Dinah explicou ainda que, para organizar o evento, foi fundamental a colaboração da coordenadora do Coletivo de Mulheres de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro, Edyala Iglesias. “Meu contato foi com ela, eu vi uma matéria dela no jornal, liguei pra ela, combinamos tudo, ela organizou e trouxe a mostra, era um filme por dia.

<sup>46</sup> Segundo o artigo de Francisco anunciando a mostra e publicado no jornal Diário do Paraná um dia antes da estreia, o evento foi uma colaboração entre a Cinemateca do Museu Guido Viaro, Fundação Cultural de Curitiba, Embrafilme, Dinafilme (Distribuidora Nacional de Filmes) e Distribuidora Arco-Iris. A programação de filmes prevista para a mostra, segundo o artigo, era: *Canção de amor* e *O ébrio*, de Gilda de Abreu; *A vida doméstica*, de Eliane Bandeira; *A menina e a casa da menina*, de Helena Saldanha; *O segredo da rosa*, de Vania Orico; *Substantivo*, de Regina Machado; *Trabalhadoras metalúrgicas*, de Olga Futema; *Cristais de sangue*, de Luna Alkalai; *A mão do povo*, de Ligia Papel; *Guarani*, de Regina Jehá; *Nordeste cordel, repente, canção*, de Tânia Quaresma; *Versus* de Landa Pinheiro; *Ritos de passagem*, de Sandra Werneck; *Marcados para viver*, de Maria do Rosário; *A mulher no cinema brasileiro*, de Ana Maria Magalhães; *Maria da Penha*, de Norma Benguell; *Mar de rosas*, de Ana Carolina; e *Gaijin*, de Tizuka Yamazaki. In: SANTOS, Francisco Alves dos. *Cinema feito por mulheres será mostrado em Curitiba*. Diário do Paraná. 22 maio 1981. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.



Foi um sucesso!<sup>47</sup>. Além de mediar os contatos, Edyala sugeriu diversos filmes e cineastas, e Dinah e Francisco escolheram quais estavam no tom da proposta.

Durante a mostra, Francisco publicou um artigo no Diário do Paraná<sup>48</sup>, “Uma semana do cinema da mulher”, com informações sobre o evento. Há detalhes das projeções, mencionando os filmes e debates que ainda ocorreriam<sup>49</sup>. Além das cineastas, estavam envolvidas na mostra jornalistas, uma socióloga e uma assistente social<sup>50</sup>, no entanto não é explicitado como se deram estas participações. Na programação foram também incluídas exibições de filmes realizados em Curitiba, como *Lembranças*, de Vilma Cabral e Heloísa Haneman; *Como sempre*, de Berenice Mendes; e *Foi pena q...*, de Ingrid, Rosane e Elizabeth Wagner, com a presença das cineastas no dia de encerramento. No artigo, Francisco<sup>51</sup> faz um breve relato da trajetória de Carmen Santos e Gilda de Abreu, e destaca a importância da crescente participação de mulheres na produção cinematográfica brasileira, que se intensificou especialmente a partir da década de 1970. Por fim, Francisco pontua que a produção feminina no Paraná começou com os cursos práticos de cinema da Cinemateca, com produções de Berenice Mendes, Vilma Cabral, Heloísa Haneman, Elizabeth Karam e as irmãs Ingrid, Rosane e Elizabeth Wagner. O jornalista reconhece ainda a importância para o cinema paranaense de mulheres na crítica ou na realização de pesquisas, como Marilu Silveira, Celina Alvetti, Clara Satiko Kano, Solange Stecz e Dalva Gapinski.

Foi por conta da mostra *A mulher no cinema brasileiro* que Dinah foi parar no Festival de Cinema de Gramado, em 1986. Segundo Dinah, “a Edyala me convidou pra participar de uma mesa de cineastas e jornalistas mulheres que escreviam sobre cinema e eu participei justamente por essa atuação na mostra<sup>52</sup>. Sobre este evento encontramos dois artigos do jornalista Aramis Millarch (1943-1992), intitulados “Mulheres discutem sua participação cinematográfica<sup>53</sup>” e “As mulheres & o cinema”.<sup>54</sup> Aramis menciona, dentre informações e opiniões, a presença de Dinah e Edyala. O

<sup>47</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.

<sup>48</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. “Uma semana do cinema da mulher”. Diário do Paraná. 28 de maio de 1981. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.

<sup>49</sup> Na sessão “Registro” do Diário do Paraná, de 23 de maio de 1981, o evento foi anunciado em uma nota, destacando a presença das cineastas Tizuka Yamasaki, Norma Benguell, Tania Quaresma, Suzana Amaral, Ingrid, Elizabeth e Rosane Wagner, Berenice Mendes, Vilma Cabral e Heloísa Haneman. In: “Registro”. Diário do Paraná. 23 de maio de 1981.

<sup>50</sup> Jornalistas: Gremilda Medina, Marilu Silveira, Dinah Ribas Pinheiro, Dalva Gapinski. Socióloga: Maria de Lourdes Montenegro. Assistente social: Maria Ordália Magro del Gaudio.

<sup>51</sup> SANTOS, Francisco Alves dos. “Uma semana do cinema da mulher”. Diário do Paraná. 28 de maio de 1981. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital.

<sup>52</sup> Dinah Ribas Pinheiro, entrevista, março de 2019.

<sup>53</sup> MILLARCH, Aramis. “Mulheres discutem sua participação cinematográfica”. Estado do Paraná. 13 de abril de 1986. p. 7. Acervo Aramis Millarch Tablóide Digital.

<sup>54</sup> MILLARCH, Aramis. “As mulheres & o cinema”. Estado do Paraná. 25 maio 1986. p. 7. Acervo Aramis Millarch Tablóide Digital.



jornalista ora destaca a importância do evento, ora aponta falhas da organização. Pelo artigo é possível verificar que não apenas ocorreu naquele Festival de Cinema de Gramado o Seminário Cinema e Mulher, ao qual possivelmente se refere Dinah, mas também houve uma sessão paralela, chamada “Mostra Latino-Americana de Filmes de Mulheres”.

### **Considerações finais**

Este ensaio teve como objetivo apontar a presença de mulheres na Cinemateca de Curitiba, nas décadas de 1970 e 1980, a partir de documentos e narrativas. São rastros não apenas da participação de Solange, Berenice, Gisele e Dinah, mas também de Lu, Elizabeth, Celina, Clara, Marilis e outras, em atividades de pesquisa, preservação, formação, produção e exibição cinematográfica.

Destacamos que para reconhecer as experiências das interlocutoras deste recorte é preciso também deslocar o modo de pesquisar cinema e suas histórias. Nesta investigação, o deslocamento se dá pela compreensão do cinema como circuito cultural, constituído por uma rede de produção, circulação e consumo, no qual mulheres ocuparam com pouca frequência funções de prestígio, mas estiveram presentes e trabalhando para que filmes fossem produzidos, preservados e exibidos. Nesta perspectiva, “fazer cinema” ganha uma dimensão mais ampla e pode significar atividades diversas. Em diálogo com Morettin (2017: 9), entendemos que é preciso considerar materialidades, circularidades e arquivos - “a análise fílmica sozinha não consegue dar conta da dimensão histórica presente no cinema”.

O que apresentamos aqui tem como fontes materiais levantados para a pesquisa de doutoramento de uma das autoras, ainda em desenvolvimento, sobre a experiência e a participação de mulheres na história do cinema em Curitiba, na Cinemateca e também em outros espaços. Ficam ainda muitas lacunas, cruzamentos e análises a serem realizadas sobre os dados coletados. Histórias de filmes que não foram feitos, da constituição de saberes e práticas e de circunstâncias para desvios de trajetória. Reconhecemos a importância das pesquisas realizadas sobre a história do cinema paranaense (SANTOS, 1996, 2001, 2005; CARVALHO, 2018), mas encontramos um amplo espaço para realizar perguntas e aprofundar questões sobre a presença de mulheres e de espaços, como a Cinemateca do Museu Guido Viaro. Assim, apesar dos limites deste artigo, esperamos, a partir das experiências de produção e circulação de filmes em Curitiba narradas, colaborar para o contexto de pesquisas sobre mulheres no cinema brasileiro.



### Referências bibliográficas

BOTTMANN, Denise. "Super-8 paranaense: elementos para uma história". *História: Questões & Debates*, jun.: 27-53, 1982.

CARVALHO, Luciane. *A programação da cinemateca do Museu Guido Viaro (Curitiba, 1975-1985)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2018.

JÚNIOR, Rubens Machado; CAMPOS, Marina da Costa. "Protagonismos experimentais femininos no surto superoitista dos anos 1970". In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Mariana Cavalcanti (orgs.). *Feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro*. Campinas, SP: Papius, 2017.

SARMET, Érica; TEDESCO, Mariana Cavalcanti. "Articulações feministas no cinema brasileiro nas décadas de 1970 e 1980". In: HOLANDA, Karla; TEDESCO, Mariana Cavalcanti (orgs.). *Feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro*. Campinas, SP: Papius, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5a ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MORETTIN, Eduardo (org.). *Cinema e história: circularidades, arquivos e experiência estética*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

ROCIO, Celina do; KANO, Clara Satiko et al. *Cinema Brasileiro: 8 estudos*. Rio de Janeiro: MEC/ Funarte/Embrafilme, 1980.

SANTOS, Francisco Alves dos. Cinema no Paraná: nova geração. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.

SANTOS, Francisco Alves dos. Cinema: Paraná, anos noventa. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2001.

SANTOS, Francisco Alves dos. *Dicionário de cinema do Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2005.

TAVARES, Hugo Moura. Cinemateca de Curitiba: 30 anos. *Boletim Casa Romário Martins*. Curitiba, v. 29, n.128: 1-121, 2005.

WILLIAMS, Raymond. *Television: Technology and Cultural Form*. USA: Routledge, 2003.

### Entrevistas

MENDES, Berenice; MENDES, Gisele. Entrevista concedida. Curitiba, PR, outubro de 2018.

PINHEIRO, Dinah Ribas. Entrevista concedida. Curitiba, PR, março de 2019.

SANTOS, Francisco Alves. Entrevista concedida. Curitiba, PR, janeiro de 2019.

STECZ, Solange Straube. Entrevista concedida. Curitiba, PR, agosto de 2018.

Submetido em 23 de setembro de 2019 / Aceito em 10 de dezembro de 2019.